

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A LENDA DAS AMAZONAS:
O MÍTICO E O LITERÁRIO
NA MESMA TRAJETÓRIA

Bolsista: Kaliny Magalhães Capuchu, Voluntária.

MANAUS – AM
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL:

PIB-SA/0025/2009

A lenda das Amazonas:

o mítico e o literário

na mesma trajetória

Bolsista: Kaliny Magalhães Capuchu, Voluntária

Orientadora: Prof^a Dr^a Antonia Silva Lima

MANAUS – AM

2010

RESUMO

A realidade amazônica é lendária por excelência, possui uma consciência comunitária que nos permite compreender o homem primitivo e, por conseguinte, a nós mesmos. Isso porque, o mito de origem é considerado uma história verdadeira, pois trata de fenômenos que vieram a existir, demonstrando o surgimento de uma determinada realidade. Essa pesquisa tem como base a investigação de duas lendas: a Lenda das Amazonas e o mito grego das Amazonas. A metodologia desenvolvida traduz-se numa pesquisa bibliográfica, com as versões das lendas, a partir do registro existente na literatura da área. O trabalho de investigação com a lenda das Amazonas e a lenda Grega das Amazonas, é em torno dos seguintes pontos: cenário da história, as personagens, a seqüência das histórias, a projeção das ações das personagens e outros que poderão ser identificados nas lendas. Tais pontos estão fundamentados na Teoria de Vladimir Propp, autor do Método Morfológico do Conto Maravilhoso. O trabalho com as lendas é uma tentativa de uma visão da estrutura das lendas amazônicas, mostrando as diferenças e semelhanças existentes entre uma versão e outra, além de fazer uma analogia com um mito originado em outro país e outro tempo. Tal estudo visa a contribuir com a valorização da cultura de tradição oral amazônica, a ser divulgada entre as gerações mais jovens e a responder a questões referentes à existência e à origem de fatos e seres. Além de oferecer informações acerca do assunto para as gerações atuais, para que possam conhecer as fontes existentes na literatura de tradição oral amazônica, cuja origem se dá na cultura de seus antepassados. Como resultado do estudo, vimos que a lenda das Amazonas em suas várias versões, apresenta sempre uma tribo de mulheres guerreiras que foram descobertas pelos Espanhóis. Mas desejavam propagar a sua espécie e usavam os homens para isso. As filhas, que eram frutos desses encontros, tornavam-se mulheres guerreiras, servindo ao povo de sua comunidade. Quanto ao mito grego das Amazonas, percebemos que os historiadores afirmam que a lenda das Amazonas é, praticamente, a cópia do mito grego. Tais narrativas diferenciam-se de várias formas, quanto: ao cenário, às personagens, às seqüências da história. Porém, sempre vão existir as mulheres, lindas e guerreiras, que viviam em uma comunidade feminina e, usavam os homens apenas para reproduzir sua raça, mostrando mais uma vez, a essência de uma lenda ou mito com o mesmo nome.

Palavras – chave: Mitos; Lenda e cultura de tradição oral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 OBJETIVOS	07
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
3.1 A TEORIA DE VLADIMIR PROOP	10
4 METODOLOGIA	16
5 RESULTADOS	18
5.1 IDENTIFICAÇÃO DAS VERSÕES	18
5.2 AS LENDAS ESTUDADAS	20
6 ANÁLISE COMPARATIVA DAS LENDAS	27
6.1 VERSÕES DAS LENDAS DAS AMAZONAS	27
6.1.2 Quadro Comparativo das versões	28
6.2 Análise comparativa das versões da lenda das Amazonas e o mito grego.....	31
7 CONCLUSÃO	33
8 CRONOGRAMA	35
9 REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Na região Amazônica, quando falamos em sua origem, vivemos uma tradição cercada de exotismo, de magia e de um conjunto de impossibilidades, as lendas. Tendo consciência dessa situação, percebemos que a diversidade dos mitos na Amazônia traz uma importante contribuição para a formação cultural desses povos. A lenda é uma tentativa arcaica de responder questões como a origem do mundo, dos fenômenos, dos lugares e do próprio homem. Devido essa característica, várias lendas amazônicas são mitos de origem. Já que o mito de origem narra e justifica uma situação nova, o surgimento de uma nova realidade, de um novo ser. Segundo Eliade (2002), essas narrativas são consideradas histórias sagradas que demonstram o surgimento de uma determinada realidade. Assim, a grandeza desse saber mítico lendário da região amazônica passa por questões históricas, antropológicas, psicológicas, enfim, o que chamamos hoje de cultura recebeu influência dessa consciência mítica.

Tendo como referência esse fato, pretendemos realizar um estudo aproximando um mito amazônico de um mito grego, visto que esse último, pelos relatos históricos, parece ter tido bastante influência nos mitos da região, em especial, na lenda das Amazonas. O relato da descoberta das “amazonas”, mulheres guerreiras, nos foi legado por Frei Gaspar de Carvajal, um dos religiosos que integravam a expedição espanhola, comandada por Francisco Orellana. Ao percorrerem o Rio Amazonas, por volta de 1542, os espanhóis foram atacados por mulheres bonitas, altas, de peles alvas e membrudas que lutavam maravilhosamente e atiravam flechas sobre toda a comitiva. Segundo Mario Ypiranga Monteiro, o relato de frei Gaspar de Carvajal relatava os sucessos dos europeus na batalha com uma guarda -avançada de mulheres guerreiras, das quais muitas caíram mortas. “Nasce desse precipitado histórico a famosa lenda das Amazonas”. (Monteiro. 1997. p. 46).

O estudo teve como objetivos: analisar a composição da Lenda das Amazonas através de uma analogia com a lenda grega das Amazonas, apontando

pontos semelhantes e diferentes entre eles; identificar as versões da Lenda das Amazonas e as da Lenda Grega das Amazonas e, por último, construir um quadro comparativo, a partir de pontos identificados quanto a composição das duas lendas.

Devido ao encontro com as fantásticas Amazonas é que o capitão Orellana motivado com o que presenciara rebatiza o grande rio, que tinha seu próprio nome, agora com outro: Rio das Amazonas. Tempos depois, seria apenas Rio Amazonas e o futuro nome do atual estado do Amazonas. O escritor Márcio Souza (1997), admite que a opção pelo fantástico, ou seja, a descrição de índios com os pés para trás, de índios que tinham o pacto com o diabo, além da descrição de tribos de mulheres guerreiras, feitos por Carvajal, fazia parte da estratégia de dominação do colonialismo. Segundo ele, “as culturas originárias deveriam ser erradicadas e os povos amazônicos destruídos e postos a serviço da empresa colonial. As crônicas dos primeiros viajantes são de uma escrupulosa sobriedade em relação ao sofrimento dos índios. Por esses escritos, instala-se a incapacidade de reconhecer o índio em sua alteridade” (SOUZA, 1977, p. 54). Por isso, a descrição das Amazonas feita pelo religioso é considerada uma adaptação da lenda grega das Amazonas. Verdade! Na Grécia, as pessoas já admiravam e respeitavam as fabulosas mulheres guerreiras que manuseavam tão bem os utensílios de guerra.

O estudo, inicialmente projetado, teve como base a pesquisa de iniciação científica realizada nos anos 2007 e 2008 com o título “Lendas Amazônicas: os vários prismas”. A partir desta investigação, nos impulsionou a curiosidade de trabalharmos a lenda das Amazonas e a sua “raiz”, a lenda grega das Amazonas. Faremos um estudo, verificando semelhanças e diferenças entre uma lenda e outra nos seguintes pontos: cenário da história; as personagens; a seqüência da história; a projeção das ações das personagens; e outros que poderão ser identificados nas lendas. Tais pontos estão baseados na teoria de Wladimir Propp, estudioso do folclore russo, que criou o método morfológico do conto maravilhoso (PROPP, 1971). Tal método elaborado a partir de estudos com contos de fadas (contos de magia russos). Vladimir Propp apresenta um estudo das formas e leis da estrutura do conto, identificando a seqüência narrativa e as funções das personagens.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde a sua origem, o homem carrega consigo a inquietude de saber as origens e os motivos de todas as coisas. São várias as formas que ele tenta comunicar-se, falando daquilo que o surpreende, do sagrado e do misterioso. A lenda, portanto, é a tentativa de dizer o indizível. A lenda é uma resposta à tentativa antiga e eterna de responder às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos.

Por essas características, muitas lendas amazônicas são mitos de origem, visto que o mito de origem conta e justifica uma situação nova, como por exemplo, a origem do fogo, de uma planta, de um rio, ou de um ser.

Os mitos de origem são histórias sagradas que mostram o surgimento de uma determinada realidade. Esses mitos são considerados histórias verdadeiras, porque os fenômenos dos quais tratam vieram a existir. Conforme Chauí (2003) o mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças das guerras, do poder, etc.)

Na região amazônica a importância desse saber mítico lendário perpassa por questões históricas, antropológicas, psicológicas, enfim, o que chamamos hoje de cultura recebeu grande influência dessa consciência mítica. O valor do mítico lendário não fica preso ao passado, ele traz sua marca no atual, naquilo que se constrói hoje como saber.

O saber mítico lendário, permeia as cidades, municípios, bairros, ruas da região amazônica. Não há como negar a influência desses elementos culturais em nosso meio é como se houvesse um pacto mítico. Como nos discorre Buzzi (1995), chamando esse ambiente de união mítica:

Por toda parte, diretamente e antes de nossas idéias, preconceitos, conformismo e expectativas de toda sorte, a amplitude do concreto

irrompe dentro e fora de nós, compacta e incontornável. Por toda a parte, nosso olhar vê o pássaro que canta na ramagem da árvore em flor, pendente na ribanceira, juntos as águas do rio que corre repentina [...] A amplitude do concreto – sem nome os envolve corpo a corpo, ininterruptamente, numa aliança indiscutível, bem antes de nossas consciências. Esta aliança é mítica.

Segundo Junito de Souza Brandão (1993), “Os mitos são, por isso, os depositários de símbolos tradicionais no funcionamento do self cultural, cujo principal produto é a formação e manutenção da identidade de um povo”. Essa afirmação de Brandão esclarece o verdadeiro significado do mito diante da realidade, que é multiplicar a cultura de um povo. Essa multiplicação está vigente na realidade amazônica, e ver-se que, na verdade, só se compreende o mito quando se experimenta a realidade onde ele se manifesta. O dia-a-dia oferece-nos essa realidade mítica, nas festas, danças e histórias. Através do conhecimento da floresta, em especial, a amazônica, o mito se apresenta e se propaga como narrativas e lendas que fazem parte da identidade do índio, do caboclo, enfim, daqueles que, pelos diferentes modos e maneiras de retratar a realidade, se enriquecem com a interação do homem com sua cultura e o meio físico em que vive.

A realidade amazônica é lendária por excelência. Sendo assim, possui uma verdade dogmática. É um mundo que precisa ser encarado conforme o sentido da tradição de quem neste mundo habita. A lenda possui uma consciência comunitária.

Conforme Eliade (2002), o homem nunca realmente se despreendeu do pensamento mítico, o mundo moderno não abriu mão das mitologias do passado, ainda hoje se vive repleto por mitologias, que tomam rumos diferentes, mas que conduzem as mesmas questões da criação mítica, que no início pretendia explicar o mundo e hoje em dia é usada para preencher o vazio do homem pós-moderno.

A lenda nos permite compreender o homem primitivo e, por conseguinte, a nós mesmos. O homem primitivo não pode ser encarado como o negativo de nossa civilização, mas sim, como sua matriz primordial. Somos hoje a soma desses saberes, acrescidos àqueles que foram se desenvolvendo no decorrer da história do homem.

3.1 A TEORIA DE VLADIMIR PROPP¹

O método morfológico do conto maravilhoso proposto por Vladimir Iakovlevich Propp, especialista em folclore e etnologia, foi criado a partir de estudos com contos de fadas (contos de magia russos). Nesse estudo, ele apresenta as formas e leis da estrutura do conto, com intuito de desvendar a especificidade do conto fantástico enquanto gênero literário.

A importância da morfologia do conto resulta na descrição de uma história, das partes que a constituem e das relações existentes destas partes entre si e com o conjunto. Nos contos encontramos grandezas constantes e grandezas variáveis. Na primeira, as funções das personagens não são modificadas e estão relacionadas com as ações de cada uma na obra. Já a segunda, o que é modificado em cada obra são os nomes e os atributos das personagens. Assim, o conto maravilhoso caracteriza freqüentemente ações iguais a personagens diferentes, permitindo analisá-los a partir das funções das personagens.

Por função, entende-se o método de um personagem, definido do ponto de vista do seu valor para o desenvolvimento da ação. Para destacar as funções é necessário defini-las. Em primeiro lugar não se deve considerar a personagem que pratica a ação. Na maioria dos casos, a definição se indica por meio de um substantivo que divulga a ação (proibição, interrogatório, fuga etc.). Em segundo lugar, deve-se notar que a ação não pode ser definida fora de seu espaço no desenrolar do relato. Deve-se analisar o sentido que possui uma dada função no desenvolvimento da história.

Segundo Propp, pode-se chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que tem com início um dano ou uma carência, passando por outras funções intermediárias e que termina com o casamento ou recompensa, ou outras ações usadas como desenlace. A este desenrolar da história, denominamos SEQÜÊNCIA. “A cada novo prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova seqüência”. (1984, p.85)

O autor ainda adverte que o conto pode abranger diversas seqüências e quando analisamos um texto devemos identificar, primeiramente, de quantas seqüências a história é composta. Pois elas podem vir uma após a outra ou

¹ Utilizamos a teoria de Propp para análise das lendas, em função de a estrutura da narrativa ser a mesma apresentada nos contos de fada, ou seja, seqüência narrativa, funções e as esferas de ações das personagens. Essa afirmação já foi feita pelo professor Giancarlo na sua obra *Yautí na canoa do tempo: um estudo de fábulas do jabuti na tradição tupi* (1998), fruto de sua dissertação de mestrado.

entrelaçadas, como se abrissem lugar para deixar que outra seqüência se intercale.

A figura do herói e o seu percurso na narrativa, como também a ordem seqüencial das funções no procedimento de composição da história, volve-se em uma espécie de esquematizar o trajeto lógico onde se revelam as funções em seqüências ordenadas – início, meio e fim. Nas histórias, há também elementos animados e não animados, como um feiticeiro, um anel mágico, uma varinha de condão etc., aparecem como personagens. Determinado unicamente pelo fazer, em relação com o fazer global da história narrada.

O estudo do conto maravilhoso, proposto por Propp, procura verificar na composição narrativa quais funções surgem, se são ou não em número limitado e em que ordem acontecem. Dessa forma, busca quatro teses básicas, fundamentais para entendermos a relação principal para qualquer pesquisa que envolva os contos de magia. As quatro teses básicas são as seguintes, assim escritas na obra *Morfologia do Conto Maravilhoso*(1984, p.27-28):

- a. Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto;
- b. o número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado;
- c. a seqüência das funções é sempre idêntica (nem todos os contos maravilhosos apresentam todas as funções).
- d. Todos os contos de magia são monotípicos (mesmo tipo) quanto à construção.

O interesse de Propp é mostrar que o conto maravilhoso aplica ações iguais a personagens distintas. O meio pelo qual se regulariza uma função pode alterar, sendo variável. O que realmente é de valor nessa narrativa é saber o que fazem essas personagens.

O conto maravilhoso, habitualmente, começa com certa situação inicial (descrição da família, ou o do futuro herói (por exemplo, um soldado), é apresentado pela menção de seu nome ou indicação de sua situação). “[...]embora essa situação não constitua uma função, não deixa de ser um elemento morfológico importante” (PROPP, 1984, p.31).

No estudo feito pelo folclorista russo, identificam-se as seguintes funções, que podem ser efetuadas por personagens nas narrativas:

- Afastamento – pode ser de uma pessoa da geração mais velha, de alguém próximo do herói ou morte dos pais, podendo ser também, membros de geração mais nova que se afastam;
- Proibição – impõe – se ao herói uma interdição;
 - a. designação – ordem proposta, levar algo em algum lugar;
- Transgressão – a ordem é transgredida. Surge aqui, a figura do antagonista do herói, o agressor. Procura destruir a paz da família feliz, provocando alguma desgraça, algum prejuízo;
- Interrogatório – antagonista procura obter uma informação; Informação – antagonista recebe informação sobre sua vítima;
- Ardil – o antagonista tenta ludibriar sua vítima;
- Cumplicidade – a vítima deixa-se enganar, ajudando involuntariamente seu inimigo;
- Dano – prejuízo causado pelo antagonista a um dos membros da família;
- Carência – falta alguma coisa, deseja-se obter algo;
- Mediação – momento de conexão. É divulgada a notícia do dano ou da carência;
- Início da reação – o herói – buscador aceita a missão ou decide reagir;
- Partida – o herói deixa casa; parte em busca do vilão que fugiu;
- Primeira função do doador – o herói é submetido a uma prova;
- Reação do herói – reage diante das ações do futuro doador – o herói supera, responde presta serviço ao morto, liberta um prisioneiro; poupa alguém que suplica, efetua a partilha e reconcilia os contendores, o herói vence, etc.;
- Fornecimento – o meio mágico passa às mãos do herói – recepção do meio mágico – aliados;
- Definição – deslocamento – o herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura;
- Combate – o herói defronta-se com o antagonista;
- Marca, estigma – o herói é marcado, a marca é impressa em seu corpo recebe um anel ou uma toalha, ou outras formas de estigma;
- Vitória – o antagonista é vencido – um combate em campo aberto, numa competição, perde no jogo de cartas, é derrotado na prova da balança, é morto em combate, é expulso imediatamente;

- Reparação o dano inicial ou a carência são reparados – o objeto da busca é conseguido, mediante a astúcia, o objeto é recuperado etc.;
- Regresso – o herói regressa – a volta pode acontecer em seguida, e quase sempre da mesma forma que a partida; o regresso pode tomar, às vezes, o aspecto de uma fuga;
- Perseguição – o herói sofre perseguição – o pesquisador vai atrás do herói, reclama o culpado, transforma-se rapidamente em diferentes animais, em algo atraente e se coloca no caminho do herói, tenta devorar o herói etc.;
- Salvamento ou resgate – o herói é salvo da perseguição;
- Chegada incógnito – o herói chega incógnito à sua casa ou a outro país – o herói volta ao lar;
- Pretensões infundidas – um falso herói apresenta pretensões infundidas (um impostor tenta fazer – se passar pelo herói);
- Tarefa difícil – é proposta uma tarefa difícil ao herói;
- Realização – a tarefa é realizada;
- Reconhecimento - o herói é reconhecido – graças a uma marca ou estigma (ferida, estrela, um objeto - anel, lenço, pedra, medalha, etc.);
- Desmascaramento - o falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado;
- Transfiguração – o herói recebe uma nova aparência graças à intervenção do auxiliar mágico; constrói um palácio maravilhoso, veste-se com novas roupas;
- Castigo; punição – o inimigo é castigado – leva um tiro, é desmascarado, é amarrado em algo, suicida-se etc.
- Casamento ou recompensa – o herói casa-se e sobe ao trono – recebe ao mesmo tempo uma esposa e um reino.

No conto maravilhoso, além das trinta e uma funções, existem outras partes constituintes que, apesar de não determinarem o desenrolar da trama, são também elementos de grande importância.

Os elementos auxiliares servem de ligação entre funções, ou seja, dentro de um conto esses elementos desenvolvem todo um sistema de dados que às vezes se reveste de formas artísticas bastante vivas. São estes dados que, no desenrolar da ação, ligam uma função à outra.

Já os elementos que beneficiam a triplicação podem triplicar-se em determinados detalhes reservado de caráter atributivo (o dragão de três cabeças) bem como funções isoladas e pares de funções (perseguição - salvamento),

grupos de funções ou seqüências inteiras. Muitas vezes, a ação pode se reproduzir de forma mecânica, porém outras vezes, para evitar que a ação prossiga, devem ser inseridos certos elementos que detenham o desenvolvimento e exijam a repetição.

As motivações são as razões dos personagens, que os levam a praticar esta ou aquela ação. Além disso, estabelecem um elemento menos preciso e menos determinado que as funções ou laços de união.

Além desses constituintes do conto maravilhoso, há ainda sete esferas de ação ou esferas funcionais, na qual cada uma dessas constitui o fazer de determinada classe de personagens. Dessa maneira, as funções se agrupam, através de determinadas esferas, que correspondem às personagens que as realizam.

As esferas de ação estabelecidas para compor o desenvolvimento da história são as seguintes: esfera de ação do antagonista ou malfeitor – abrange o dano, o combate e outras maneiras de luta contra o herói e a perseguição; a esfera de ação do doador ou provedor – compreende a preparação da transmissão do objeto mágico ao herói; esfera de ação auxiliar – compreende o deslocamento do herói no espaço, a reparação do dano ou da carência, o salvamento durante a perseguição, a resolução das tarefas difíceis, a transfiguração do herói; esfera de ação da princesa (personagem procurado) e seu pai – compreende a proposição das tarefas difíceis, a imposição de um estigma, o desmascaramento, o reconhecimento, o castigo do segundo malfeitor e o casamento; a esfera de ação do mandante – inclui somente o envio do herói (momento de conexão); esfera de ação do herói – compreende a partida para realizar a procura, a reação perante as exigências do doador, o combate, a realização de tarefas difíceis, o casamento; esfera de ação do falso herói – compreende também a partida para realizar a procura, a reação perante as exigências do doador, sempre negativa e , como função específica, as pretensões enganosas.

As funções das personagens estabelecidas por Propp, conceitua o conto de magia como uma narrativa na qual trinta e uma funções são desempenhadas por sete classes de atores: o antagonista (ou vilão); o doador (ou provedor); o auxiliar, a vítima; o mandatário; o herói; o impostor (ou falso herói).

Dessa forma, deve-se analisar um conto, inicialmente, pela divisão das seqüências para poder então desmembrar-se em suas partes constituintes. Essas últimas, são de fundamental importância, as funções das personagens,

acrescentado de elementos de união, de motivações, além de elementos atributivos ou acessórios que se agrupam para compor esse tipo de narrativa.

4 METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida traduz-se numa pesquisa bibliográfica, em que trabalharemos com as versões identificadas da lenda das Amazonas e a lenda grega das Amazonas, a partir do registro existente na literatura da área. São duas narrativas selecionadas para o estudo, em torno dos seguintes pontos: cenário da historia, as personagens, a seqüência das historias, a projeção das ações das personagens e outros que poderão ser identificados nas lendas. O estudo será através do método comparativo, verificando semelhanças e diferenças entre pontos citados. Segundo Lakatos (1991), o método comparativo é desenvolvido em estudo e pesquisa de diversos tipos de grupos, colaborando para uma compreensão dos pontos comuns e os não comuns que mostram as aproximações e as diversidades em cada cultura. Os passos em desenvolvimento são os seguintes:

- ✓ Seleção da bibliografia a ser utilizada;
- ✓ Identificação das versões da lenda das Amazonas e as da lenda grega das Amazonas;
- ✓ Escolha das versões a serem analisadas;
- ✓ Leitura detalhada das historias para identificação de pontos semelhantes e não semelhantes nas historias;
- ✓ Registro e sistematização dos pontos encontrados nas narrativas;
- ✓ Análise comparativa das versões;
- ✓ Elaboração de quadro comparativo a partir de pontos identificados: cenário da historia, as personagens (protagonista, antagonista, personagem secundário), a seqüência da historia, a projeção das ações das personagens, temáticas abordadas, situação problema, desenrolar, clímax, solução, desfecho e outros que a lenda, em seu conjunto, poderá apresentar.

A pesquisa bibliográfica do presente estudo foi realizada durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2009. Foram diversas visitas às instituições da cidade de Manaus, tais como: Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas, Biblioteca Pública Municipal João Bosco Pantoja Evangelista, Biblioteca do Museu Amazônico, entre outros. Foi um trabalho de coleta árduo, com limites e muitas dificuldades, mas conseguimos chegar às fontes bibliográficas desejadas.

Inicialmente, recolhemos as versões encontradas na Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas, na qual tivemos total acesso aos livros, além de contar com resultados de pesquisas como monografias, dissertações e teses e outras fontes acerca do assunto. A segunda instituição visitada foi a Biblioteca Pública Municipal João Bosco Pantoja Evangelista, onde começaram os limites, no sentido de acesso às obras além da escassez das fontes sobre lendas amazônicas.

Na Biblioteca do Museu Amazônico, identificamos algumas das versões das lendas estudadas. Além desses locais, buscamos outros que nos ofereceram versões de estudiosos sobre o tema, presentes em livros com as lendas adaptadas para crianças. Coletamos ao todo seis versões da lenda das Amazonas e apenas duas do mito grego das Amazonas

Apesar da escassez de fontes escritas acerca da cultura de tradição oral amazônica, encontramos um número de versões suficientes para nos oferecer os dados investigados neste estudo. As lendas amazônicas, enquanto riqueza cultural, encontram-se espalhadas pela oralidade, mas ainda são pouco os registros que, na maioria das vezes, não estão disponibilizados àqueles que têm a curiosidade de estudar os mistérios lendários da região amazônica.

Os critérios utilizados para escolha das versões foram os seguintes: autor conhecido, quantidade de palavras indígenas nas histórias, a linguagem utilizada. Tudo isso para facilitar a análise das versões e depois para comparação das mesmas.

Dessa forma, sabemos que uma pesquisa deste porte tem a contribuir com a divulgação e valorização da cultura de tradição oral, que faz parte de nossas origens. Oferece-nos subsídios para entendimento de como as pessoas se comportam e concebem sua cultura. Sendo assim, com tal estudo, estaremos contribuindo para o arcevo a cerca da mitologia universal, esse referencial teórico servirá para aqueles que desejarem conhecer e ou se aprimorar na temática dos

mitos amazônicos. Oferecendo subsídios para entendimento de como as pessoas se comportam e concebem sua cultura.

5 RESULTADOS

Os resultados apresentados dizem respeito ao que se investigou em torno da seleção da bibliografia e acerca da escolha das versões analisadas, identificando-as no que diz respeito a pontos semelhantes e não semelhantes nas histórias. O estudo, investigando e registrando os pontos encontrados nas lendas até a análise comparativa das versões e a elaboração de quadro comparativo a partir desses pontos, que será o resultado da análise das versões da lenda da Amazonas e o mito grego das Amazonas.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DAS VERSÕES: AS LENDAS ESTUDADAS

5.2 As versões da lenda das Amazonas

Lenda das Amazonas

Na versão de José Almeida (2004), foi Orellana, quem descobriu o rio Amazonas e o primeiro a contar a historia das mulheres guerreiras do Brasil. Segundo ele, as Amazonas atacaram sua comitiva quando se encontravam na foz do rio Amazonas.

As “Amazonas” eram índias bonitas, altas, esbeltas e formosas. Tinham longos cabelos negros trançados em volta da cabeça. Formavam uma nação independente e dominadora, constituída apenas de mulheres. Suas casas eram feitas de pedra, solidamente fortificadas. As aldeias, cercadas de muros altos e resistentes. Além disso, as “Amazonas” eram guerreiras temíveis, atacavam as tribos vizinhas e as escravizavam. As mulheres dessa tribo nada sofriam, porém os homens eram tratados com muita crueldade.

Porém, as “Amazonas”, uma vez por ano, casavam-se com os índios guacaris durante um dia. Tudo isso para evitar que a tribo desaparecesse. As filhas que nasciam eram criadas, cuidadosamente para que pudessem manter as tradições gloriosas das Amazonas. Quanto aos filhos eram brutalmente assassinados ou entregues aos pais. A deusa protetora das “Amazonas” era Jaci, a lua. O lago Iaciurá, junto das cabeceiras do rio Nhamundá, era sagrado. As

Amazonas seguiam, em romaria, para as margens desse lago. A lua cheia era então festejada com bailados, cânticos e oferendas. As filhas de Jaci coroavam-se de flores e executavam uma dança selvagem. Essa festa era realizada antes do casamento com os guacaris. Antes da meia noite as Amazonas dirigiam-se para o lago, levando nos ombros potes cheios de perfumes, que derramavam na água para purificá-la. À meia noite, mergulhavam no fundo do lago e de lá traziam um barro verde que davam formas variadas de rã, peixe e tartaruga. Esse barro esculpido servia de amuleto e chamava-se “MUIRAQUITÃ”.

Proto-história: Narra um fato histórico, a descoberta do rio Amazonas por Francisco Orellana.

Situação Inicial: As Amazonas eram bonitas, altas, esbeltas e formosas.

A primeira sequência: Inicia quando as Amazonas querem reproduzir sua raça e termina quando as mulheres guerreiras engravidam e dão a luz aos seu filhos.

A segunda sequência: Acontece com um dano, as Amazonas matavam com crueldade os filhos que nasciam.

Ações executadas pelas personagens:

- Carência: As Amazonas desejavam procriar a sua espécie.
- Dano: As crianças do sexo masculino eram mortas com crueldade.

Lenda das Amazonas

Na versão de Alceu Maynard Araújo (s.d.), com o título: Brasil, histórias, costumes e lendas, conta que em 1542, Frei Gaspar de Carvajal, escrivão da frota espanhola de Francisco Orellana, ao penetrar num enorme rio brasileiro, que ele chamou de "Mar Dulce", encontrou mulheres guerreiras, tendo sido por elas atacado. O medo foi tanto que o frade, ao vê-las jovens, belicosas, nuas, chegou a afirmar que queimavam um dos seios para melhor manejar o arco e a flecha. Confundiu-as com o mito grego das Amazonas. Assim o grande rio foi batizado como: - o rio das Amazonas, rio Amazonas.

Segundo essa versão no Reino das Pedras Verdes somente vivem mulheres - as Amazonas. Trabalham muito, caçam, pescam, fazem armas, fazem cerâmica, redes, tecidos, enfeitados de penas, entre outras coisas mais. É uma comunidade onde todos possuem tudo em comum. A direção está nas mãos de uma das Amazonas, que exerce também função religiosa, dirigindo as festas. Seu reinado é curto, somente as virgens de vinte a vinte e cinco anos podem disputar a chefia das Amazonas.

A cada cinco luas cheias, no mês de abril (cinco anos), há renovação do comando das Amazonas. As Amazonas fazem um amuleto famoso - o muiraquitã. Uma raridade, os próprios índios afirmam que não sabem como fabricá-lo. Dizem que o muiraquitã vem de um lugar muito distante, da terra das mulheres sem marido, do país das mulheres guerreiras.

Em um lago enorme - jaci-uaruá, no mês de abril de todos os anos, quando a lua cheia aparece, as Amazonas mergulham no lago e do fundo trazem um punhado de barro. Com este barro limoso modelam figuras: peixes, rãs, tartarugas. O mais comum é a rã, símbolo de fertilidade. O amuleto é perfurado para ser usado no pescoço. O barro tem que ser modelado depressa, ainda debaixo da água, porque o luar faz endurecer o limo verde. Nesta mesma noite elas recebem a visita dos homens de uma tribo vizinha. É a noite nupcial. Só os índios que já lhes deram uma filha recebem o muiraquitã. Os que lhes deram um filho terão que levar o menino para a sua aldeia porque entre as Amazonas só vivem mulheres.

Proto - História: Narra a descoberta do rio Amazonas e da lenda das Amazonas escrita por Frei Gaspar de Carvajal.

Situação Inicial: No Reino das Pedras Verdes somente vivem mulheres - as Amazonas. Trabalham muito, caçam, pescam, fazem armas, fazem cerâmica, redes, tecidos, enfeitados de penas, entre outras coisas mais.

A primeira sequência: Inicia quando as Amazonas fazem um Muiraquitã e termina quando acontece a noite nupcial.

Ações executadas pelas personagens:

- Carência: As Amazonas desejavam o Muiraquitã.
- Afastamento: As mulheres guerreiras deixam a tribo e vão atrás do amuleto.

- Regresso: As Amazonas voltam e entregam o amuleto para o pai de suas filhas.

Lenda das Amazonas

Já a versão de Lenilson Coelho 920040, com título: Uma síntese da história da Amazônia conta que desde antes de Cristo já se ouvia falar na existência de mulheres guerreiras, que viviam isoladas de homens, com os quais se encontrariam para fins de acasalamento e, assim mesmo, ficando para criar apenas as crianças do sexo feminino. Eram as Amazonas, as mulheres sem seios, pois tais mulheres, quando ainda jovens, deviam queimar ou atrofiar o seio direito, a fim de facilitar no manejo do arco. Essa história da mitologia grega, espalhou-se durante a Idade Média, chegando aos tempos modernos, inspirando artistas e escritores.

Por volta de 1541, após descer o afluente Napo e chegar ao então Mar Dulce, eis que a comitiva comandada por Francisco Orellana é atacada por uma tribo de mulheres que, no testemunho de Frei Gaspar de Carvajal, são alvas e altas, de cabelo comprido, entrançados e enrolados na cabeça. Segundo Carvajal, os espanhóis tiveram que fugir do ataque dessas mulheres guerreiras, porém capturaram um índio. Este, mais tarde, ao ser interrogado, declarou pertencer a uma tribo cujo chefe, senhor de toda a área era súdito das mulheres que residiam no interior. Na qualidade de súditos, obedeciam e pagavam tributos às mulheres guerreiras, que eram acompanhadas pelo chefe Conhori. Além disso o índio descrevera as casas das mulheres como sendo de pedra e com portas, e bastante vigiadas. Disse ainda que pariam mesmo sem ser casadas porque, quando tinham desejo, levavam homens de tribos vizinhas a força, ficando com eles até engravidarem, quando então mandavam embora. Quando tinham a criança, se homem, era morto ou então mandavam para que o pai criasse, se era mulher, com elas ficavam e a menina era educada conforme as suas tradições guerreiras.

Proto-história: Narra que a origem das Amazonas foi através da analogia com o mito grego das Amazonas.

Situação Inicial: Descreve a chegada dos espanhóis no rio Brasileiro.

A primeira sequência: A comitiva é atacada por mulheres guerreiras que manuseavam muito bem os utensílios de guerra e termina com a fuga dos espanhóis e a captura de um índio.

Ações executadas pelas personagens:

- Dano: As Amazonas invadem a comitiva dos Espanhóis e muitos são mortos..

Lenda das Amazonas

Segundo a versão de Apolonildo Britto (2007), com o título: Lendário Amazônico, o nome do Rio Amazonas, deriva por acaso da aventureira entrada (1532-1542) comandada por Gonzalo Pizarro, irmão de Francisco Pizarro, conquistador do Peru. A expedição saiu de Quito (Equador) a frente de uma grande tropa de quatro mil homens, entre índios e europeus, terminando em fracasso e com muitas mortes. Sendo assim, foram mandados o capitão Francisco de Orellana, o Frei Gaspar de Carvajal e algumas dezenas de espanhóis, com o objetivo de descer e desvendar o curso do grande rio que corria para o “Mar do Norte”. Foi nessa descida que tiveram vários conflitos, inclusive combateram mulheres “brancas, altas e membrudas” supostamente entre os Rios Nhamundá e Trombetas, nascendo daí a lenda das Amazonas.

No relato de Frei Gaspar de Carvajal encontram-se ao norte do rio do mesmo nome e que é conhecido pelos habitantes da região como Cunuris os Guacaris, índios bem aventureiros que gozam de favores das valentes Amazonas, mulheres sem seios que construíram suas aldeias entre grandes montes. Elas vivem sozinhas e se protegem sem a ajuda dos homens, sem manter relações de comércio com estes. Apenas em épocas determinadas recebem a visita de seus vizinhos, os Guacaris, com os quais se acasalam. As filhas que nasciam dessas uniões eram conservadas e criadas entre as Amazonas para levar adiante os valores e costumes de sua nação. Quanto aos meninos, nunca se soube ao certo seus destinos, o mais provável é que lhes tiravam a vida.

O famoso amuleto mágico que as Icamiabas ofertavam a seus parceiros guacaris, tribo que vivia próximo das Amazonas, após o acasalamento na festa dedicada a Iaci, As Icamiabas, depois de manterem relações sexuais, mergulhavam até o fundo do lago Espelho da Lua, na proximidade das nascente

do Rio Nhamundá, para receber de Iaci o famoso talismã que recebia as bênçãos da divindade.

Proto-historia: Narra um acontecimento histórico o descobrimento do rio Amazonas pelos espanhóis.

Situação Inicial: Narra o local onde os guacaris vivem e os favores que fazem a uma tribo de mulheres guerreiras.

A primeira sequência: Inicia quando a Amazonas recebem a visita de um Guacaris, homens da tribo vizinha para poderem aumentar a tribo de mulheres guerreiras e termina quando ofertavam a seus parceiros o famoso talismã abençoados por Iaci.

A segunda sequência: Quando nasciam crianças do sexo masculino eram mortas pelas mulheres guerreiras.

Ações executadas pelas personagens:

- Carência: Desejavam reproduzir a espécie.
- Dano: As crianças do sexo masculino são mortas cruelmente pelas Amazonas.

Lenda das Amazonas

Na versão de Leonardo Ramos (s.n.), com o título: O Caduceu, a história se passa há muito tempo, na Floresta Amazônica, existiu uma tribo indígena da grande nação “Tupi”, constituída unicamente de belas mulheres, livres e independentes, sem maridos, excelentes arqueiras e bravas guerreiras na defesa de sua gente, da floresta e de suas riquezas: as Icamiabas.

Em noites de lua cheia, as “Icamiabas” faziam uma cerimônia sagrada para a Deusa “Iacy”, a mãe-lua, no lago “Iacy-uaruá”, que quer dizer “Espelho da Lua”. Para esse ritual sagrado eram convidados os indígenas “Guacaris”, vizinhos e amantes das belas guerreiras. À meia-noite, caminhavam, pelas matas amazônicas, trazendo aos ombros potes cheios de perfumes - ervas e raízes cheirosas - que eram, então, despejados no lago, purificando-o e tornando-o sagrado para a cerimônia em honra de Iacy.

Após o ritual amoroso com os “guacaris”, sob as bênçãos de Iacy, as mulheres guerreiras mergulhavam nas águas purificadas do lago e buscavam no fundo um

barro, com o qual moldavam um amuleto, " o muiraquitã ", em diversas formas: rãs, tartarugas, peixes entre outros. Diz a lenda que o fruto desse encontro amoroso, quando menino ficava sob proteção do pai; se menina fosse, seria educada pela mãe segundo suas tradições.

Situação Inicial: Descreve uma tribo constituídas de índias guerreiras.

A primeira sequência: Acontece quando as Icamiabas desejam o amuleto para as cerimônia sagrada com seus amantes e termina quando elas conseguem ter frutos nesse encontro amoroso.

Ações executadas pelas personagens:

- Carência: Icamiabas desejavam o amuleto sagrado.
- Afastamento: As Icamiabas vão ao fundo do lago atrás do Muiraquitã.
- Regresso: As Icamiabas voltam e realizam a cerimônia sagrada.
- Recompensa: As Icamiabas conseguem ter suas filhas.

5.2.2 Versão do mito grego das Amazonas

Lenda Grega das Amazonas

A versão de Mário da Gama Kury (2001), com o título: Dicionário de Mitologia: Grega e Romana, as Amazonas são mulheres descendentes de Ares, deus da guerra, e da Ninfa Harmonia. Seus domínios situavam-se no norte da Europa, mas sua localização variava conforme as fontes: a Trácia, os contrafortes do Cáucaso ou a Cíntia Meridional (na esquerda do atual Danúbio). Elas usavam os homens apenas para trabalhos servis, e para perpetuarem a raça unindo-se periodicamente a estrangeiros, quando nasciam os bebês, deixavam vivas apenas as meninas; os meninos elas matavam ou cegavam. Além disso, as Amazonas removiam um dos seios para facilitar o uso de utensílios de guerra, tais como: arco e lança, por isso a origem de seu nome (amázon = "sem seio"). A deusa Artemis era a protetora dessas mulheres guerreiras, cujas características eram bem parecidas. Vários foram os heróis gregos que lutaram contra as Amazonas, como por exemplo, Belerofonte, obedecendo a Labates; Heraclés, incumbido por Euristeu para apropriar-se do cinto de Hipólita, rainha das Amazonas. Um dos companheiros de Heraclés nessa missão foi Teseu, que levou uma amazona chamada Antíope para Atenas. Porém, querendo vingança as

amazonas saíram numa expedição contra Atenas, parando e acampando em Areópago (Areôpagos - Colina de Ares). Travou-se uma batalha na própria cidade, sendo a vitória dos atenienses por Teseu. As amazonas participaram também da guerra de Tróia, enviando um contingente comandado por Pentefleia, sua rainha, para lutar ao lado de Príamo; Aquiles, matou-a na fase final da guerra, e seu último olhar provou uma imensa paixão no herói.

Situação Inicial: Narra a localização da tribo das Amazonas, situada ao norte da Europa, mas sua localização variava conforme as fontes: a Trácia, os contrafortes do Cáucaso ou a Cíntia Meridional (na esquerda do atual Danúbio)

A primeira sequência: Inicia quando Euristeu para apropriar-se do cinto de Hipólita, rainha das Amazonas. Um dos seus companheiros Teseu, nessa missão levou uma amazona chamada Antíope para Atenas. E termina quando as amazonas querendo vingança contra Atenas, travando uma batalha na própria cidade, sendo a vitória dos atenienses por Teseu.

A segunda sequência: Quando as amazonas ao participarem da guerra de Tróia comandado por Pentefleia, sua rainha, para lutar ao lado de Príamo; E termina quando Aquiles a mata na fase final da guerra, e seu último olhar provou uma imensa paixão no herói.

Ações executadas pelas personagens:

- Carência: Euristeu deseja o cinto de Hipólita.
- Afastamento: Teseu seqüestra a amazona Antíope e a leva para Atenas.
- Dano: Penteflei, rainha das Amazonas, é morta por Aquiles.

6 ANÁLISE COMPARATIVA DAS VERSÕES

6.1 Lenda das Amazonas

- Semelhanças

Quanto à localização geográfica, as versões de José de Almeida, Lenilson Coelho e Apolonildo Britto se assemelham, pois estão localizados no rio Amazonas. Porém nas versões de José Almeida e Apolonildo Sena ainda especificam ser ao norte da foz do Rio Amazonas.

Nas versões de José Almeida, Alceu Maynard, Lenilson Coelho, Apolonildo Britto se assemelham também quanto as personagens, pois há as Amazonas, Orellana, índios Guacaris. Nas versões de Alceu Maynard e Lenilson Coelho além dessas personagens citadas, há também Frei Gaspar de Carvajal.

Quanto à Situação Inicial, as versões de José Almeida e Alceu Maynard descrevem as mulheres guerreiras, as Amazonas como índias bonitas, altas, esbeltas e formosas.

No que diz respeito as sequências das histórias, as versões de José Almeida e Apolonildo Sena se assemelham quanto ao número dessas, 2 sequências. Segundo Proop “a cada novo dano, a cada nova carência existe uma nova sequência”. Na versão de José Almeida e Apolonildo Britto a 1ª sequência acontece quando os índios guacaris, índios da tribo vizinha, visitam as Amazonas para ajudá-las a reproduzir a sua espécie. Já a segunda sequência acontece quando as Amazonas matam com crueldade os filhos do sexo masculino.

- Diferenças

Quanto à localização geográfica as versões de Alceu Maynard e Leonardo Ramos se diverge das outras. Na primeira, a tribo das Amazonas está localizada no Reino das Pedras Verdes e na segunda, na Floresta Amazônica.

No que diz respeito as sequências da história as versões de Alceu Maynard, Lenilson Coelho e Leonardo Ramos se diferenciam das outras, apenas uma versão. Essas versões também são diferentes entre elas. Na versão de Alceu Maynard e

Leonardo Ramos esta sequência se inicia quando as Amazonas tem o desejo de encontrar o Muiraquitã e termina quando acontece a noite nupcial com os índios da tribo vizinha. Já a versão de Lenilson Coelho a primeira e única sequência se inicia quando a comitiva dos espanhóis é atacada pelas índias guerreira e termina quando os espanhóis fogem do local.

6.1.1 Quadro Comparativo das Versões da Lenda das Amazonas

Versão	ALMEIDA, Jos é. Os mistérios da Amazonia. Manaus: Editora Uirapuru, 2004.	MAYNARD, Alceu. Brasil, histórias, costumes e lendas [s.d]	COELHO, Lenilson. Uma síntese da história da Amazônia. 2004	BRITTO, Apolonildo. Lendário Amazônico. 2007	RAMALHO, Leonardo. O Caduceu. [s.l] [s.d]
Cenário	Está localizado na foz do rio Amazonas	Reino das Pedras Verdes	Rio Amazonas	Norte do rio Amazonas	Na floresta Amazônica.
Personagens	Amazonas, Orellana, índios Guacarís.	Amazonas, Frei Gaspar de Carvajal, índios da tribo vizinha.	Amazonas, Espanhóis, Francisco Orellana e Frei Gaspar de Carvajal.	Espanhóis, Amazonas, índios da tribo vizinha.	As Icamiabas, Iaci, Tupã, índios Guacarís.
Sequência	1ª Sequência: Casamento das Amazonas com os índios Guacarís. 2ª Sequência: Elas criavam as crianças do sexo feminino, as que nasciam com sexo	1ª Sequência: Inicia-se quando as Amazonas fazem o amuleto, Muiraquitã, e termina quando acontece a noite nupcial.	1ª Sequência: Inicia-se quando a comitiva é atacada por mulheres guerreiras e termina com a fuga dos espanhóis.	1ª Sequência: Os índios da tribo vizinha vão até a tribo das Amazonas para poderem propagar a sua espécie e termina quando conseguem engravidar e	1ª sequência: As Icamiabas desejam o amuleto para a cerimônia sagrada com seus amantes e termina quando elas conseguem ter frutos nesse encontro

	masculino matavam com crueldade.			ter suas filhas. 2ª Sequência: Quando nasciam crianças do sexo masculino eram mortas pelas mulheres guerreiras.	amoroso.
Ações executadas pelas personagens	Carência: Desejavam procriar a sua espécie. Dano: As crianças do sexo masculino eram mortas com crueldade.	Carência: Desejam o Muiraquitã. Afastamento: As amazonas mergulham no lago para pegar o amuleto. Retorno: As Amazonas voltam e entregam o amuleto para o pai de suas filhas.	Dano: A comitiva é atacada pelas Amazonas e há muitas mortes causando assim um dano irreparável.	Carência: Desejavam reproduzir a espécie. Dano: As crianças do sexo masculino são mortas cruelmente pelas Amazonas.	Carência: Icamiabas desejavam o amuleto sagrado. Afastamento: As Icamiabas vão ao fundo do lago atrás do Muiraquitã. Retorno: As Icamiabas voltam e realizam a cerimônia sagrada. Recompensa: As Icamiabas conseguem ter suas filhas.
Outras	Proto - história: Narra um	Proto – história: Narra a	Proto-história: Narra a	Proto-história: Narra um acontecimento	Situação Inicial: Descreve uma

<p>Observações</p>	<p>acontecimento anterior. “Foi Orellana, explorador espanhol que descobriu o rio Amazonas, o primeiro a contar a história das mulheres guerreiras.”</p> <p>Situação Inicial: “As Amazonas eram índias bonitas, altas, esbeltas e formosas...”</p>	<p>descoberta do rio Amazonas e da lenda das Amazonas, escrita por Frei Gaspar de Carvajal.</p> <p>Situação Inicial: Caracteriza as amazonas. “No Reino das Pedras Verdes somente vivem mulheres - as Amazonas. Trabalham muito, caçam, pescam, fazem armas, fazem cerâmica, redes, tecidos, enfeitados de penas, entre outras</p>	<p>história das Amazonas na Grécia Antiga.</p> <p>Situação Inicial: Descreve a chegada dos espanhóis no rio Amazonas.</p>	<p>histórico, a descoberta do rio Amazonas.</p> <p>Situação Inicial: Narra o local onde as guacaris vivem e os favores que fazem a uma tribo de mulheres guerreiras.</p>	<p>tribo constituídas de índias guerreiras.</p>
--------------------	--	--	---	--	---

		coisas mais.”			
--	--	---------------	--	--	--

6.2 Análise comparativa das versões da lenda das Amazonas e o mito grego.

- Semelhanças

Quanto às personagens das versões as lendas que se assemelham com o mito grego em estudo são apenas as Amazonas, “Conta-se que, de vez em quando, elas uniam-se a estrangeiros apenas para garantir a preservação da própria raça, educando as meninas em seu meio e renegando cruelmente os filhos do sexo masculino”.

Quanto as sequências da história o mito grego se assemelha com as versões de José Almeida e Apolonildo Britto com duas sequências cada. Porém o conteúdo dessas sequências são diferentes entre si. No mito a primeira sequência inicia-se quando Euristeu deseja apropriar-se do cinto de Hipólita, rainha das Amazonas. Um dos seus companheiros sequestra uma amazona chamada Antíope e a leva para Atenas. E termina quando as amazonas querendo vingança contra Atenas, travam uma batalha na própria cidade, sendo a vitória dos atenienses. A segunda sequência acontece quando as amazonas ao participarem da guerra de Tróia perdem sua rainha, Pentefleia, morta ao lutar com Aquiles. Nas versões da lenda das Amazonas com a mesma quantidade de sequências que o mito são semelhantes entre elas. Isso porque a primeira sequência inicia-se com o casamento dos índios guacaris e as Amazonas, que necessitam propagar a sua espécie e termina quando conseguem suas crianças. A segunda sequência acontece quando depois de nascidas as crianças do sexo feminino eram criadas por elas e as crianças do sexo masculino eram mortas cruelmente ou cegas pelas próprias mães.

- Diferenças

Apesar de historiadores admitirem que a Lenda das Amazonas é uma vertente do mito grego, porém quando comparamos essas versões percebemos muitas diferenças. A primeira delas diz respeito ao cenário e a localização geográfica da história. Isso deve-se ao fato de que a origem das versões são de países diferentes, ou ainda continentes diferentes. O mito tem como cenário a Europa, e mais

encontravam-se ao norte da Grécia, já as versões da Lenda das Amazonas são localizada no maior rio do mundo, em volume de águas, o rio Amazonas.

Quanto às personagens, também há diferenças, no Mito Grego as personagens são: Amazonas, Eristeu, Teseu, Antíope, Hipólita, Pentefleia, Príamo e Aquiles. Nas versões da Lenda das Amazonas tem como principais personagens: os índios das tribos vizinhas, as Amazonas. A partir dessas diferenças percebemos a diversidade cultural quando comparamos essas versões.

Diferentemente, da versão do Mito, todas as versões da Lenda das Amazonas existem uma proto-história, uma parte da mesma que narra um acontecimento anterior a situação inicial. Na maioria dessas versões

Quanto a situação inicial há também divergência entre essas versões. Na versão do Mito essa situação descreve a localização das Amazonas, situada ao norte da Europa, mas sua localização variava conforme as fontes: a Trácia, os contrafortes do Cáucaso ou a Cíntia Meridional (na esquerda do atual Danúbio). Quanto às versões da lenda das Amazonas a situação inicial descreve as Amazonas, mulheres belas e guerreiras, o local onde vivem e o seu descobrimento, através dos Espanhóis que andavam pelo grande rio Amazonas.

Quanto às sequências elas se diferenciam mais uma vez, duas versões da Lenda das Amazonas, a de Alceu Maynard e Lenilson Coelho são constituídas apenas de uma sequência. A de Alceu inicia-se quando as Amazonas desejam o muiraquitã, importantíssimo para o seu casamento e na versão de Lenilson Coelho quando a comitiva de Espanhóis, comandados por Francisco Orellana é atacada pelas mulheres guerreiras.

7 CONCLUSÃO

Com essa pesquisa, intitulada “a lenda das amazonas: o mítico e o literário na mesma trajetória”, que tem como objetivo identificar as várias versões das lendas das Amazonas e o mito grego das Amazonas e depois fazer uma analogia entre ambos, chegamos à conclusão de que existe uma variedade dessas versões dessas lendas, uma vez que os povos da Amazônia, em sua tradição oral, são exímios em narrar sua visão de mundo, mas, principalmente, para explicar a origem das mulheres guerreiras e o descobrimento do rio Amazonas. Apesar de todas as dificuldades acerca dos acervos de livros serem reduzidos no que diz respeito à cultura oral Amazônica e ao mito grego das Amazonas.

Nas narrativas identificadas e estudadas, percebemos que são muitas as situações criadas pelos autores, considerando a diversidade do cenário onde se dá a história, isso acontece devido aos seus verdadeiros autores, muitas versões foram coletadas, oralmente, por integrante de diversas tribos, ou porque é conveniente ao autor daquela versão localizar o cenário em determinado lugar.

A lenda das Amazonas em suas várias versões, apresenta sempre uma tribo de mulheres guerreiras que foram descobertas pelos Espanhóis. Mas desejavam propagar a sua espécie e usavam os homens para isso. As filhas que eram frutos desses encontros se tornavam futuras mulheres, que manuseavam com habilidade os utensílios de guerra, servindo ao povo de sua comunidade. Apresenta na maioria das versões a de um amuleto, o Muiraquitã, que age como auxiliar sobrenatural, que através de seu poder, fertiliza as filhas de Iaci, garantindo, assim, a propagação da espécie das Amazonas. Cada versão dessa lenda tem a marca de seu autor, mas esses passos são a garantia da essencialidade da lenda. Mesmo que cada narrador acrescente elementos de seu tempo, pois são esses novos elementos que garante a permanência de cada história lendária amazônica.

Quanto ao mito grego das Amazonas, apesar de ter encontrado apenas uma versão para o estudo, percebemos que os historiadores afirmam que a lenda das Amazonas é, praticamente, a cópia do mito grego. Percebemos que elas se diferenciam de várias maneiras, tanto quanto ao cenário, às personagens, às sequências da história. Porém, sempre vão existir as mulheres, lindas e guerreiras, que viviam em uma comunidade feminina e, usavam os homens apenas para reproduzir sua raça, mostrando mais uma vez, a essência de uma lenda ou mito com o mesmo nome.

O estudo realizado mostrou-nos que a riqueza lendária amazônica é vasta e, que as fontes disponíveis não estão tendo os devidos cuidados, para que não se perca ou seja extraviada. É necessário que haja uma preocupação por parte das bibliotecas existentes em Manaus com literatura e de tradição oral, visto que, a memória oral dos povos amazônicos se encontra comprometida com as mudanças socioculturais da sociedade atual.

8 CRONOGRAMA

Nº.	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Ano		2009					2010						
1	Identificação das versões das lendas.	R	R	R									
2	Escolha das versões a serem analisadas.				R								
3	Leitura detalhada das histórias para identificação de pontos semelhantes e não semelhantes nas história .				R	R	R						
4	Registro e sistematizaçã o dos pontos encontrados nas lendas.					R	R						
5	Elaboração de relatório						R						

9 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José. **Os mistérios da Amazonia**. Manaus: Editora Uirapuru, 2004.

ANDRADE, Moacir. **Nheegaré – Ou Poranduba dos Dabacuris: estórias dos beiradões amazônicos**. Manaus: Madrugada, 1985.

ANTONY, Leandro. **Folclore Amazonense**. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1976.

BETTENCOURT, Gastão de. **A Amazônica no Fabulário e na Arte. Lisboa**. Pro Domo, 1946, p.57 Peregrinos Júnio – Nuno Vieira. Pref. Da “Terra de Icamiaba”.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico – etimológico d mitologia grega** . Volume I e II. Petrópolis, Vozes. RJ 2000.

_____. **Mitologia Grega**. Petrópolis, Vozes. R, 1993. V. I e II

BRASIL, Altino Berthier. **O Caríua e outros contos amazônicos**. Manaus, Governo do Estado do Amazonas, Fundação Cultural, 1978.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1999.

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do Folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

ELIADE, Mircea. **O Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. Perspectiva, SP, 2002.

GONDIN, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

LIMA, Antônia Silva de. **A lenda da Vitória Régia: dois olhares para um mesmo destino**. Tese de doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

MAY, Rollo. **A procura do mito**. Editora Manole. São Paulo, 1992

MILWARD, Maria Portugal. **Lendas do Brasil Maravilhoso**. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed. Avanço, 1985.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fases da literatura amazonense**. Manaus: Imprensa Oficial.

PEREIRA, Nunes. **Moronguétá: Um Decameron Indígena**. Editora Civilização Brasileira S.^a Rio de Janeiro: 1967. Vol I e II.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

SANTIAGO, Manoel . **Lendas Amazônicas**. 2º ed. Manaus: EDUA, 2003.

SOUZA, Márcio. **A expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo, Alfa – Ômega, 1997.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Universidade de São Paulo, 1979.